

O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

AS MOÇAS FEIAS.

HA muita gente que ainda crê na existencia de moças feias; mas esta crença de dia a dia vai enfranquecendo e breve desaparecerá inteiramente; pois não ha maior disparate do que acreditar-se na belleza ou fealdade, principalmente do bello sexo.

Vemos uma dama, e, á primeira vista, nos parece encantadora, e a julgamos um composto de todas as perfeições; mas, se a examinarmos de perto, se analysarmos cuidadosamente as perfeições, que nos fascinaram, veremos, ás mais das vezes, que vão desaparecendo um a um esses fallazes encantos, que nos fizeram a cabeça andar á roda, de maneira que só restará do nosso lindo portento a mais triste e severa realidade.

Outras vezes ha que vemos uma donzella, viuva, ou mesmo casada, que nos parece extremamente feia; e dizemos com os nossos botões, na primeira hypothese:— Esta moça nunca ha de achar marido; na segunda:— Que *parvalhão* não devia ser o que almejou fazer-se metade d'esta *Gorgone*; e na terceira:— O marido d'esta Sra. naturalmente soffria muito dos órgãos visuaes, e deveria ter consultado, antes de celebrar o matrimonio, o *Boujean*, ou o *Ramaugé*.

Ora tudo quanto houvessemos dito, a este respeito, seria demasiada injustiça, e nada mais do que o effeito de uma não calculada e louca irreflexão.

Dona Clementina, é uma joven de faces de jasmims e rosas, como dizem os poetas, têtz aveludada, dentes de jaspe, labios de vermelhão da China, cabellos de ébano supercilios em semicirculo; tendo á flôr do rosto,

« Uns lindos olhos vivos, bem rasgados. »

Além d'estas perfeições, e de outras que não queremos referir, possui uma fallazinha tão encantadora, e mais doce do que melço, ou mel de jaty. Cada palavrinha é uma flexa que traspassa o peito, e vai enterrar-se inteirinha lá no âmago do coração. Quem a vê nos seus dias pacificos,

« Não pôde vê-la, sem deixar de amal-a; »

porém quando lhe chegam os fanequitos, vai tudo por esses ares!... Até o *papae*, (que bom é que o digamos, não mostra ser lá dos mais *bananas*) vê-se ás vezes em *calças pardas*, quando se não mette em *camiza de onze curas*!...

Se a menina pretende alguma cousa, por mais extravagante que seja, não a satisfazem, se são capazes!... Arma-se immediatamente uma tal celeuma, e tão estrondosa, que já em uma occasião acudiram as bombas, julgando que havia incendio na casa!

Dona Margarida tambem é bella como os amores, e, além de nutras perfeições, tem uma cintura de palmo e meio de circumferencia, um pézinho de tres pollegadas e um quarto de comprimento;

tnca piano e canta, muito melhor do que qualquer das nossas *Deusas theatraes*, e, em conclusão, é a nona maravilha das prendas e da belleza:

N'um sorriso tão sómente
Prende ternos corações;
Despedindo de seus olhos
De amor os doces farpões.

E quem sabe se ao nosso peito, em o qual, conforme diz o bnm *Filinto*, para abrir brecha, talvez que o não podessem conseguir balas de 24, já não atirou ella algumas de suas setas mais hervadas?!... Mas isto fica entre nós... e vamos adiante. A tal menina tem o demoninho junto a si;

« Si é que o demonio não é ella mesma, »

segundo afirma *Garrett*, que, em negocios d'esta natureza, tem voto de qualidade.

Quando está de veia, a casa é um paraiso: não se ouve senão uma voz tão doce, que metteria n'um chinello, essas afamadas, carunchosas e *afabulizadas*... (perdoem o termo, que cahiu-nos da penna, e o não quizemos apanhar,) mas — nunca vistas — *seréas* d'outro tempo.

Maria não levou, ás horas do costume, á *Sinhá-zinha*, que ainda dorme, o café, bem temperado, e quente... *Engracia* não esperou com a jarra d'agua perfumada para o rosto... *Thomazia* não engommou bem os folhos do vestido de cassa adamscada... *Joaquina* não abainhou o lenço de seda comprado, hontem á tarde, ao *Filippe Italiano*, que é um dos cem freguezes da casa....

Eis que apparece Satanaz raivoso!... A menina tão meiga, tão flexivel, tão mimosa, grita mais do que um commandante da guarda nacional, á frente do seu corpo! E' amarrotado o lenço nas ventas de *Joaquina*.... pela cara de *Thomazia* anda o vestido n'uma doboudoura.... Sofre entruído, fóra de tempo, a vagarosa *Engracia*, e

leva pela cabeça a dnrminhoca *Maria* com a chicara de café... e o que vale é já não estar muito quente!

No meio d'este borborinho, acode a velha visinha, trazendo uma tigela de agua benta em sabbado de alleluia, antes de salir o sol, e um secco ramo de arruda, colhido em noite de S. João, e quando ella se parte pelo meio, com a mão esquerda, e sem que o encare senão com um dos ollms, pois do contrario perde a virtude. Tenta exorcismar a casa... mas em balde!... Só depois de improbo trabalho, vai cessando a desordem, e acalma-se a tempestade... e *yá-yázinha* resolve-se ir almoçar... São duas horas da tarde!!!....

Respondam-nos agora: — Serão estas duas *Nymphas* verdadeiramente bellas?!....

Conhecemos, entre outras, duas jvens Senhoras, que hoje aqui particularisamos. São ellas D. Mariquinha e D. Amelia. Não podem ser consideradas como — *beldades*, — mas possui qualquer d'ellas um rosto agradável, e mil outros attributos, pelos quaes se tornam dignas de verdadeiro culto das pessoas de bom senso.

D. Mariquinha é a bondade em pessoa; e bem que ainda não tocasse o seu decimoquinto janeiro, é uma perfeita — dona de casa. — Trata com o maior desvelo e solididade, de seus tenrinhos irmãos, que tiveram a infelicidade de, no botão da vida, perder sua carinhosa mãe; de maneira que nenhuma falta encontra scu extremoso pae, nos arranjos dnmesticns.

Não é menos cuidadosa D. Amelia: é verdade que acaba de completar o seu vigésimo anniversario natalicio. Levanta-se ao romper da aurora; snlicita trata de fazer com que repouse sua mãe, já idosa; trata a todos com a maior affabilidade; nunca é ouvida a sua voz altiva ou iracunda; em conclusão symboliza a candura e a honestidade.

Haverá alma tão estragada que possa

julgar feias estas Senhoras ?!... E' impossivel.

Uns amam a beleza das feições ; outros os encantos d'alma ; e até alguns prezam os defeitos... E, em materia de gosto, todos têm razão.

Ora, em todas estas considerações, ainda não veio a terreiro uma grande *potencia*.

Que transmuda o preto em branco,
Sécca o mar, inunda a terra;
Torna o dia em noite e cura
Firma a paz, concita a guerra.

Quando impera esse senhor altivo, a quem chamam — ДИВНИКО — quem é que pôde crer na existencia de moças feias?!!

A rabugenta velha
Torna-se moça, bella e bem prendada!

D. Felicidade, por exemplo, é vesga, desdentada, tem uma perna adematosa, e já vai tocando aos quarenta ; mas possuie duzentos contos de reis ; — *ha de ser feia certamente*... E que neguem, se são capazes, os *correctores de casaamentos*, e os esfaimados *freguezes*. Não'o hão de fazer por certo, pois são muito *amigos da verdade*....

Apezar d'isso, temos cá nossas cósegas de que os taes *amigos* sabem optimamente que:

Muito mais vale um pau, que mil palitos,
Mais valem muitos pomos, do que um pomo;
Mais letras tem cem tomos, do que um tomo,
Muito mais pésa um boi, que cem mosquitos.

Está por tanto demonstrado que é erronea, e sem fundamento a crença, que ainda vaga ácerca da existencia de — MOÇAS FEIAS.



É UMA AGRADAVEL FLOR.

Illustré Redactor do Amor-Perfeito.

PERCORRENDO, por acaso, a rua de... e, segundo o meu costume, indo a medir os astros, a pesar a terra e a calcular o valor intrinseco

do ar atmosphérico, passava por diante de uma optima propriedade, (que é ocioso declarar-lhe não ser minha — onde conversavam varias pessoas de ambos os sexos ; e, no momento em que estava *vis-à-vis* com uma das janellas, ouvi uma voz melodiosa, que tratava do merito, primor e belleza das flôres, dizer :

E' uma agradavel flôr. »

Parei, de longe, para não ser indiscreto, nem pouco polido, como alguns que por ahí vagam ; mas assim mesmo pude observar quem era a pessoa que proferiu, com voz tão doce, aquellas encantadoras palavras.

Era uma beldade,

Tão bella, tão casta, tão meiga, tão pura,
Mais linda que Venus, que as Graças mais bella:
Não é certamente humana creatura....
Mas seja o que for, eu morro por ella.

Pude alfim arrancar-me do logar onde estava,

« Qual junto d'um penedo outro penedo, »

e ia na mente para fusando como havia de tomar conhecimento com a minha — sem igual deidade, quando sinto uma mão, não das mais leves, pousar-me no hombro esquerdo.

Não gostei da graça, e até a encarei como má agouro ; mas, eis se não quando, voltei o rosto, (é verdade que com algum pavor, julgando ser alma do outro mundo, guarda municipal ou agente da policia,) e deparei com o meu amigo A.... poeta moderno, poeta como outros ; porém que até hoje não tem escripto — *Poesias de sua alma, Livro de seus amores, Suspiros, Bosquejos*, — e outros nomezinhos que a modernice tem inventado. Faz seu verso, por desenfado ; ha de dar ás suas produções, (se as produzir algum dia) um nome, como deram ao AMOR-PERFEITO, e a outros que taes, assim como tambem se ha dado a muitos *livros poetas* ; porém fallando serio,

o meu amigo A.... não tem queda para as Musas.... Deus me livre que elle soubesse d'isto!!...

Vamos ao fim da historia.

O homem, poeta ou não, perguntou-me:

— Que tens, Fidelis, que estás tão conculso?...

— Pouco mais do que nada, á excepção do susto que me pregaste.

— Que susto?!.... Pois causei-te algum damno?!...

— Sim: pozeste-me a mão no hombro, esquerdo (que é dos máus agouros) de uma maneira tão significativa, que julguei estava multado, e quiçá.... preso!...

— Estás brincando.

— Fallo muito serio....

— Mas que diabo de palavras inintelligiveis, á semilhança de verso pronunciavas ha pouco?...

N'isto despertei como de um profundo lethargo:

— Ouviste?... Ouviste?!...

— Ouvi o que?!... Não ouvi nada.

— O' maldito! não me acabas de dizer que ouviste recitar o verso?...

— Eu?!... Estás louco certamente.

— Então o que é que me dizias ha pouco? ...

— Nada mais do que um simples graejo.

— E o verso casual da bella?!....

— Pelo que observo, estás viajando nos vastos intermundios d'*Epicuro* ...

— Não zombes de mim.... senão dou o cavaco....

— Jámais zombei de ti; pois te consagro amizade.

— Ora falla serio. Não ouviste o verso das flôres?....

— Nem uma só letra.

— Pois escuta.— Ali mora uma *Divindade*; e, ha pouco, fallando de *floricultura*, disse casualmente, ou de proposito:

E' uma agradavel flôr.

— Bravo! .. bravo!!... Já tenho um motte! Queres que o glose?...

— Olá se quero!... Estou morrendo por isso...

Pois lá vai, com licença dos Vates, e principalmente d'aquelles que, conscios do seu alto increcimento, vão dar novas do seu talento, e vasta erudição em longas terras.

E' uma agradavel flôr.

Amo as flôres porque n'ellas
Meu olfato s'extasia,
Exalta-se-me a alegria
Se as vejo em lindas capellas;
Mas, a ter um cento d'ellas
Do mais bello cheiro, e côr,
Por um suspiro de amôr
De prompto todas trocára,
Porque sendo essa flôr rara
E' uma agradavel flôr.

A ouvir este improviso, que, aqui para nós, não me pareceu lá grande cousa, mas que me cumpria dizer que estava optimo, porque os taes dilectos das—nove irmãs—não são para graças, saltei de contente, abracei o Vate e exclamei:

— Bravo! bravo! meu A.... Pelo que observo, das esperanças para o futuro.

— Não manges comigo d'esta sorte....

— Sou incapaz d'isso.... E em quanto estás com as idéas frescas, vamos escrever o motte.

— Não é digno d'isso.

— Como te enganas!.... Póde ser que ainda vejas os taes versinhos parodiados, voltadas de traz para diante, de cima para baixo e de baixo para cima; o que te hade dar alto renome.

— Fu o dispenso.

Entramos em uma botica; e ahi foram escriptos os versos, pelos quaes talvez ainda venha a fazer fortuna, pois tam-

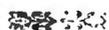
O Amor-Perfeito.

bem quero casar; mas não pelos meios que empregam muitos que por ahí andam, e com especialidade certo *besuntão*, que á força quer *fazer-se* de engraçado, sem que a graça nunca o tivesse visto.

Tocava o *Aragão*; e, para evitar dúvidas, recolhi-me aos patrios lares; mas ainda tenho esperança de dar-lhe noticias minhas.

Se o Illustre Redactor julgar que poderão apparecer em publico estas rabiscas, mande transformal-as em letra de forma, com o que muito obrigará, não só ao meu charo amigo A..... como a este que é seu criadinho.

FÉLIS.



AS PAIXÕES.

(EXTRACTO DO DIARIO DE UM ANCIÃO.)

Como és curiosa, criança!... para que te queres enmaranhar no hediondo labyrintho do mundo? com que fito dejas levantar o véu aos mysterios de que se acha rodeado o que se chama — *vida* —?... Queres vêr e gozar? queres amar e aborrecer?... Oh! não!... concentra-te antes no teu existir de anjo; guarda, occulta aos olhos de todos a tua innocencia; concilia-te com o teu pensamento de virgem; e quando a seducção, a ignominia e a infamia se te apresentarem, fuge-lhes e não lhes deis ouvidos; não creias nas suas palavras lisonjeiras, no seu trajar de gala, na sua felicidade apparente: tudo é ficticio, minha Julia, tudo astucia e ardil que o inferno gerou nas suas horas de repouso!... Escuta: a vida é uma peregrinação limitada pela mão do Creador; o que ella em si encerra de mais bello, de mais offascador, e sem divisão o que debes evitar com allinco, é de todos os precipicios o que á cada momento se abre ante

os passos da virtude: e o *amor*, minha filha, essa paixão por excellencia que *alenta e vivifica*, ao mesmo tempo que *suffoca e mata*.

« Na tua edade, desenvolve-se ella com a rapidez da seta tocada por mão vigorosa, percorrendo uma atmospherá limpida e pura; sobre os teus *quinze annos*, bellos, tão bellos como o teu rosto sereno; risinhos, tão risinhos como os teus labios cõr-de-rosa; meigos tão meigos como o teu coração de pomba, lança a paixão devastadora os seus pillos alicerces; mas, antes que uma só pedra seja collocada, antes que se erga a harreira que turva o olhar e que prohibe o ouvir, a tua physionomia perderá esses traços originaes que Deus tem reservado unicamente para as *suas electas*; a tua voz percorrerá toda a escala do sublime para acabar rouca e enfraquecida; o teu pensamento, depois de divagar por entre as mil creações do idealismo, terá horror da realidade!... Sim; porque a paixão que ora trato de descrever-te, não busca a solidão... La mesmo onde faz-se sentir o silencio dos tan ulos... ali onde reina a paz do sepulchro... n'aquelles centenares de disticos que significam — *passamento* —, não distingues bulicio, desordem? não lês em caracteres negros que o amor se tem disfarçado com a mascara da amizade e da saudade?...

— « Aqui descansam em *paz* os restos de uma mãe, ali os ultimos despojos de um pae, acolá estão de mistura uns e outros, e mais ainda os de um tiho!... — E quem lhes tributa estes monumentos?... quem revolve de sob a terra esse montão de pó, esses comoros de ruinas que caracterisam a importancia do homem?... — Lê Julia... e ainda o *amor*.

A mulher que ama tem perdido a paz e a serenidade da alma: entregue de continuo aos sobressaltos que lhe causam bem ou mal fundado ciume, inquieta pelo receio de

ser uma victima da inconstancia, assombrada pela linguagem que lhe dirigem, linguagem que ella não comprehende, mas que desperta sua curiosidade, atira-se ao *pensamentear*, forja mil planos de tranquillidade, procura refrear esse desespero que a tortura, aniquilando sua felicidade, e por fim prostra-se ante os caprichos da paixão que muitas vezes a tornam presa de loucuras que o mundo reprova e estigmatiza com suas viperinas expressões, mas que não soube apontal-as antes de serem postas em pratica.

« O homem, similhante a um animal bravo e feroz, não reconhece dique que se opponha á sua vontade, quando sente-se contaminado. Soberbo e avaro, inclemente e enraivecido corre á medida que se atêa a chamma interna, atira-se a todos os perigos, sacrifica posição, dignidade e honra, e mais de uma vez esbarra-se com o crime para sem demora vêr-se á braços com elle.....»

« Este quadro que ahi vês debuxado, minha Julia, nada tem de inverosmil: o amor, bem como todas as paixões que têm sua séde no coração, ou antes que abrangem o physico e o moral do ser a quem dominam, apresenta-se sempre de baixo de uma fórma enriquecida pelos mais bellos attractivos; porém, apenas consegue apossar-se do espirito do individuo que, fraco, prestou-se ás suas exigencias, torna-se arrogante e audaz, e não cede senão depois de acabrunhado por uma serie de desgostos que embotam a razão e a fazem irreconciliavel com as proprias leis da natureza.

Attende-me: a experiencia permite-me que te illumine com a luz da verdade, e as minhas cans a attestam. Si algum dia te fôr dado a escolha entre o *amor* e a *amizade*, não desdenhes o sentimento pela paixão: a amizade garante um futuro esperançoso; o amor contenta-se em t'o apon-

tar, sem que nunca o possas attingir. Quando te fallarem uma linguagem iupura e dirigida pelo cynismo do homem profuso na *arte de conquistar*, despreza-a; porque a amizade detesta a lisonja, e ama o verdadeiro.....» S. E. O.

POESIA.

A SYLPHO

OU

MEU PRIMEIRO AMOR.

POEMA DE V. B.

(CONTINUAÇÃO DO N.º ANTECEDENTE.)

III.

INDIFFERENÇA.

Vivia n'este mundo; era frequente
 Nos bailes, nas partidas, via as bellas
 Em motu de prazer, mais se alindarem,
 Um perfume de gozo me affectava,
 — Era homem, mas livre me sentia —
 Si uma bella, mais bella que outras bellas
 Eu contemplava, artista me julgava
 De um sublime cinzel julgando os feitos;
 Se lhe via pairar nos labios risos
 Suppunha lindas flôres agitadas
 Pelo soprar das auras docemente;
 Si as vozes lhe attendia, meditava
 No arfar da guzla, no soar da harpa!
 — Era feliz, gozava de prazeres
 No remanso da paz, na paz ditosa
 De toda a placidez d'alma tranquilla.—

Amando o bello
 Em toda a parte
 Como se fôra
 Só obra d'arte,
 O meu espirito,
 Meu coração
 Não receiavam
 Grave paixão;

Livres qual ave
De altanaria,
Tudo gosavam
Nada os prendia:
Eram as ondas
Do alto mar
Que nem penedos
Tem de encontrar.

IV.

LI NÃO AMAVA.

Eu não amava... amor!... ah! nem podia
Pensando qual pensava deparal-o
Para atavio de meus tristes dias.
Amor, doce sentir indifinivel,
Ora incendio, volcan, ora delicias,
Umaz vezes vertente de tormentos,
Outras vezes caudal fonte de gózos,
Esse amor que, para illuar a dita
Carece de outro amor de igual fervencia,
Por nao poder achal-o o não buscava.
Para mim esse amor era um diamante
De valia seia per, mas engastado
No vertice do mais alto cabço
De uma alta montanha inacessivel!
Nos meus sonhos elle me bruxuleava
Como o vesper claros de f'licidade;
Mas tentar conqur tal-o era loucura,
Conqulstal-o impossivel decidido!

V.

E' PRECISO AMAR.

Sem amor os meus dias iam indo
Caminho do sepulchro, e se esgotavam
Uniformes a arca assimilhando
No bojo da ampulheta, que se exhaure
No fim do tempo, que lhe foi marcado.
Ia a minha romaria
Pouco a pouco rematando
No bordão de caminheiro
A fadiga attenuando;
Caminhava para o termo
Do viver — a sepultura,
Ia morrer sem amor,
Sem d'este heim a ventura,
Ia morrer, e a lisongeira esp'rança
De que um ai, um suspiro de saudade
Me bafejasse a campá, e uma lagrima
Sobre ella cahida lhe esculpisse
De amor um epitaphio em triste nenia,
Este último anear d'homem sensivel
Nao me roçava o coração sem vida.

(CONTINUAR-SE-HA)

SONETO.

Mais força tem amor, que os juramentos.

Eis-me de novo no poder d'aquella
Ingrata, desleal, cruel, perjura,
Que sem cansar me cava a sepultura,
E vai-me collocar no fundo d'ella.

Agora mais que nunca se disvella,
Meu decidido amor, minha ternura,
Pela sua divina formosura,
Que sempre me parece iuda mais bella.

No furor de meus barbaros ciumes
No meio dos mais duros soffrimentos
Jurci abandonal-a em meus queixumes.

Mas, esp'ranças vãs, loucos intentos,
As promessas quebrei, faltei aos numes,
Mais força tem amor, que os juramentos.

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



LOGOGRIPO.

A primeira, entre os do Lacio,
E' uma preposição;
A primeira, e a segunda
Tambem tem igual missão.

Ambas, e mais a terceira
E' acto religioso,
Feito ás vezes com pobreza,
Outras com luxo fastoso.

A terceira com a quarta
Indica necessidade,
E a quarta com a quinta
Um typo de liberdade.

A sexta, e a derradeira
Tambem ao Lethes pertence,
E por elle caminhando
Muitas distancias se vence.

A primeira com a quarta
E' rua bem conhecida
N'um cidade em que muitos
Vivem bem folgada vida.

A quinta junta á terceira
Pertence á phitologia,
Sendo uma cousa a que os noivos
Não deixam de dar valia.

A quinta ligada á quarta
Ao porte dá gravidade,
E nem sempre quem a traz,
A traz por idoneidade.

A sexta unida á quinta
Pertence á religião,
E pelos heresiarchas
Ha d'elles inda um bandão.

A setima e a terceira
Diz que eu me dirijo a Deus;
Oxalá, por este meio,
Ouça Elle os votos meus.

A setima com a quinta
Um nome de homem dá,
E quem folhear a historia
Mais d'um n'ella encontrará.

Toda esta moxinifada
Dá palavra bem commum
Que qualquer decifrará
Sem custo, e trabalho algum.

Passa por elle o innocente,
E por elle o criminoso;
Ambos acham que o petisco
Não é lá mui saboroso.

Este logogripho é offerecido ao redactor da *Marmota*, que, por gostar do bello sexo, se achar a palavra, terá por premio uma duzia de *pécegos* fechados hermeticamente n'um frasco de *xarope do bosque*, que lhe destina uma das velhas do jantar da Ponta d'Aréa.



CHARADAS.

Quem a tem quer ser valente — 2
Tem-a o crime, e a virtude; — 2
E eu que sou inda rapaz
O tenho da senectude. — 1

Anda d'aquíl para ali,
E d'ahí para acolá;
Tamanha sollicitude,
Oh! meu Deus p'ra que será?



Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou então sobre a carneira; — 1
Lá p'ra pópa, lá p'ra pópa — 1
Ou de Góá sou primeira. — 1

Duas nuvens separei
Que raivosas pejevavam,
Produziu-me sua raiva
Quando ellas se chocavam.



Nome de homem — 1
E de cidade — 2
Lascivo e feio
Foi divuidade.

A significação das charadas do n.º antecedente é: — a 1.ª **Coriolano** — e a da 2.ª **Ferocidade**.

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida
rua da Valla, 141.